

A FEMINILIDADE BRASILEIRA NO SÉCULO XIX: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-LITERÁRIA DA OBRA HELENA DE MACHADO DE ASSIS

Autora: Ana Luiza DE VASCONCELOS MARQUES*

Co-autora: Marcilene PEREIRA BARBOSA

Co-autora: Ana Betânea BASTOS DE MORAES

A TRAJETÓRIA MACHADIANA

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu na Rua Nova Livramento, no Rio de Janeiro, filho de Francisco José de Assis, “mulato pintor” e de Maria Leopoldina Machado de Assis, “portuguesa ilhoa e, segundo a tradição, lavadeira”. Como se vê, os pais eram homens livres pobres, no entanto, eles possuíam relações com gente de sociedade e com isso recorrem ao sistema de apadrinhamento e tomam pessoas importantes para serem padrinhos de Machado de Assis. Os padrinhos foram: Maria José de Mendonça Barroso, Viúva do general Bento Pereira Barroso, que fora ministro no primeiro reinado e na regência, e senador do Império; e Joaquim Alberto de Sousa Silveira, dignitário do Paço, comendador da Ordem de Cristo, oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro. Dos nomes dos padrinhos formou-se Joaquim Maria, sendo que o “Maria” contentava também a mãe do menino.

Machado de Assis ficou órfão de mãe muito cedo, perdendo também o pai alguns anos depois; foi criado pela madrastra mulata Maria Inês e não fez estudos regulares, apenas aprendeu as primeiras letras numa escola primária de São Cristóvão. Foi sacristão da igreja da Lampadosa, cujo vigário lhe ensinou algumas lições de latim, em seguida aprendiz de tipógrafo, revisor de textos e redator de jornal¹. Embora não se tenha prova, tudo indica que ele foi aprendiz nessa oficina. Certo mesmo é que, no nº 539 daquele “jornal de modas e variedades”, edição de 21 de janeiro de 1855, aos dezesseis anos, publicou o seu primeiro poema “Ela”. Apesar desse poema ter sido considerado fraco, ele é o marco inicial de uma carreira que se estendeu até 1908.

* Graduandas em História da Universidade Estadual da Paraíba.

¹ Essa sua condição inicia-se quando ele é rapazinho e conhece Paula Brito, proprietário do periódico Marmota Fluminense, e que tinha tipografia e loja de artigos diversos, onde se reuniam intelectuais

Nesse tempo, diariamente, toma a barca na Praia Formosa, desce no Cais dos Franceses, atual Praça Quinze, e vai, até a Imprensa Nacional, que ficava na rua da Guarda Velha (atual Treze de Maio), onde aí sim, em 1856, era aprendiz de tipógrafo. Aprendiz não dos melhores, e isso era percebido pelo chefe das oficinas, todavia, o Diretor desejava conhecê-lo. Conhece-o, e logo se tornam amigos; coisa muito natural, pois esse diretor se chamava Manuel Antônio de Almeida, o romancista de Memórias de um Sargento de Milícias.

Em 1858, Machado de Assis torna-se revisor e caixeiro na tipografia de Paula Brito. Durante esse período percebemos que as produções de Machado já se faziam presentes em vários jornais, até que, a convite de Quintino Bocaiúva, começou a escrever no Diário do Rio de Janeiro e na Semana Ilustrada. O primeiro volume publicado é de versos e o autor estava com 25 anos e seus versos apresentavam o título Crisálidas.

Com toda essa mobilidade no meio intelectual, Machado de Assis aumenta o número de amigos e camaradas de rodas intelectuais, do grupo da Marmota, da Sociedade Petalógica (Peta-mentira; lógica-estudo), onde há uma forte disputa por poder. Mas, há também o grupo, em que ele se integra dos que freqüentam o consultório do médico Dr. Andrade Filgueiras, dos quais conhece Ramos da Paz, Macedo, José de Alencar, Francisco Otaviano e o escritor francês Charles Ribeyrolles. A partir desse quadro de amizades, percebemos que alguns possuem nível social mais elevado do que o escritor.

Na Imprensa Nacional, tornou-se auxiliar do Diretor Oficial em 1873 e foi nomeado primeiro oficial da Secretária de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Em 1888 recebe a comenda da Ordem da Rosa, no grau de oficial e no ano seguinte é nomeado diretor da Diretoria de Comércio; em 1892, já na República, Diretor-Geral de Viação; posto em disponibilidade em 1898, logo depois reverte à atividade, como diretor da Secretária da Indústria do Ministério da Viação, e, mais tarde, Diretor-Geral de Contabilidade.

Embora influenciado pela leitura bíblica, por Cervantes, Flaubert, Edgar Alan Poe, Swift, Dickens e principalmente Blaise Pascal², a sua ascensão econômica e social, só se faz concreta devido a sua carreira burocrática, pois esta lhe deu tranquilidade econômica para escrever e aperfeiçoar-se, ficando o serviço público, neste, como em outros casos, credor de nossa literatura, pois a profissão de escritor ainda hoje é precária e isso também se fazia presente naquela época.

² BLAISE PASCAL (1623-1662) - matemático, físico e moralista francês, responsável, segundo alguns críticos, por parte do pessimismo encontrado em sua obra.

MACHADO DE ASSIS E SUAS FASES

Machado de Assis desempenhou vários cargos públicos de importância, bem como recebeu títulos e honrarias. Todavia, o escritor obteve mais reconhecimento por seus romances, contos, poesias e demais obras, sendo considerado um grande representante da literatura brasileira.

A obra machadiana divide-se em duas fases: a primeira é a romântica e a segunda, realista. O objeto de estudo deste trabalho, *Helena* (1876), se enquadra na fase romântica, apresentando características românticas na apresentação dos personagens. Por fazer parte da fase inicial do escritor há uma rejeição de alguns pela obra machadiana, uma precipitação antecipada do leitor antes mesmo de folhear um romance tão envolvente e misterioso. O próprio Joaquim Maria Machado de Assis revela nas primeiras páginas do livro, em “Advertência”, sua crítica ao movimento literário do Romantismo, deixando claro que a última foi produzida perante o contexto e temporalidade do seu espírito.

Machado de Assis escreveu *Helena* em 1876, entretanto, a obra evoca as práticas sociais e o “clima” vigentes na década de 1850. Portanto, é preciso ler *Helena* em duas historicidades: a da narrativa - anos 1850 - e a do autor – 1876 -, e considerar que houve, de permeio, a crise social e os debates políticos intensos que culminaram na Lei do Ventre Livre. Escrito na perspectiva de quem presenciara a emergência da crise nas formas tradicionais de domínio, *Helena* se torna também uma revelação, às vezes sutil, outras vezes aberta e até informada pelo propósito da denúncia, dos antagonismos e da violência inerentes às relações sociais vigentes durante o “tempo saquarema”.

Pinceladas de sentimentos, emoções, segredos, idealização do herói e a análise psicológica das personagens são elementos marcantes do livro machadiano. Além disso, vale ressaltar que *Helena* destaca a sociedade patriarcal no Rio de Janeiro do século XIX, salientando as relações sociais e alguns costumes dentro o contexto histórico da época retratada.

HELENA: SENSIBILIDADE, DRAMA E TRAGÉDIA

O primeiro capítulo do enredo de *Helena* disserta sobre a abertura do testamento do falecido pai de Estácio e irmão de D. Úrsula, o Conselheiro Vale. Ao abrir o testamento, Dr. Camargo, o amigo da família, faz uma surpreendente revelação: a herança do rico viúvo ficara para uma filha ilegítima. D. Úrsula e o Dr. Camargo protestaram sob o reconhecimento da herdeira, todavia, Estácio por sentimentos ao pai aceitou recebê-la como digna irmã.

Com a chegada na chácara a herdeira Helena aos poucos conquistou a indisposição da tia, a desconfiança do irmão e a perplexidade das pessoas amigas da casa. Helena apresentava uma educação fina, inteligência e delicadeza, ou seja, qualidades que estreitavam os laços e fraternidade com as pessoas que há pouco conheciam. Além disso, não podemos deixar de frisar que a protagonista do enredo machadiano apresentava prendas domésticas e da sociedade burguesa da época. Assim como as mulheres de elite, em seu tempo livre, Helena dedicava-se à leitura, ao piano, os bordados e as costuras: “Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente” (ASSIS, 1995: 30).

No século XIX destacamos o nascimento de uma mulher nas relações da intitulada família burguesa e um Rio de Janeiro em início do processo de modernização. Quando a Corte Portuguesa aportou no Brasil, a capital carioca passou por uma série de modificações que afetaram além da estrutura física, o patamar social da cidade. No final deste mesmo século, a capital foi marcada pela influência européia, pois a última era vista como modelo e cumpria a proposta de ser “civilizado”. Em *Helena*, no decorrer do livro podemos perceber a predominância européia através das citações e referências de alguns romancistas e novelistas franceses, como os escritores Jacques Henri Bernandin de Saint-Pierre (1737-1814)³ e Antoine François Prévost d’Exiles (1697-1763).⁴ Nesta época, durante os momentos de desocupação e lazer a mulher burguesa buscava o sentimentalismo das novelas românticas: “A possibilidade do ócio entre as mulheres de elite incentivou a absorção das novelas românticas e sentimentais consumidas entre um bordado e outro, receitas de doce e confidências entre amigas” (PRIORE, 2006: 229).

³ JACQUES HENRI BERNANDIN DE SAINT-PIERRE (1737-1814) - escritor francês da obra romântica intitulada de *Paulo e Virgínia*.

⁴ ANTOINE FRANÇOIS PRÉVOST D’EXILES (1697-1763) – autor francês da novela *História do Cavaleiro Des Grieux e de Manon Lescaut*.

No andar da carruagem, a obra machadiana ganha um aspecto misterioso e um sentimento mais forte, que imperceptivelmente nascia em Estácio. Durante os passeios a cavalo pelos arredores da chácara e a companhia encantadora de Helena, o irmão apaixonou-se pela mesma. Neste desenrolar de tantos conflitos, uma vez que Estácio namorava com Eugênia, Helena aconselhou o irmão a casar-se com a moça. O pai de Eugênia para reforçar o casamento da filha procurou Helena, que era de influência incontestável de Estácio. Dr. Camargo sabia das visitas de Helena numa casa velha e pobre às seis horas da manhã e foi com esse discurso que o médico chantageou a irmã de Estácio. Assim, Helena insistiu para que Estácio marcasse o casamento em um mês e o rapaz obedecendo à suposta irmã escreveu no dia seguinte uma carta⁵ ao Dr. Camargo pedindo-lhe a mão de Eugênia.

Dr. Camargo ficou bastante satisfeito com o casamento, afinal de contas ele sempre desejou o casório entre Estácio e sua filha Eugênia. Além de Estácio ser filho de seu maior amigo, era um homem rico. Dr. Camargo também encaminhava seu futuro genro para a vida política, pois para o médico a política era a melhor carreira para um homem nas condições de Estácio. O casamento e a carreira política de Estácio serviriam como degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status* para a família de Dr. Camargo. “O casamento “arranjado” pelas famílias e atendendo a seus interesses, pretende ser aliança antes de ser amor – desejável, mas não indispensável” (PERROT, 2007: 46).

Outro casamento foi concertado para Helena com Mendonça, amigo de Estácio. Ao saber da notícia através de uma carta do próprio amigo, Estácio que estava viajando retornou rapidamente para a chácara com o intuito de conversar com Helena sobre esse suposto noivado com Mendonça. Estácio inconformado com o casório da irmã procurou depois o Padre Melchior para pedir sua opinião sobre o assunto o casamento de Helena e Mendonça. Ao dialogar com o Estácio e ouvir suas considerações em pró de Helena, o padre mais tarde concluiu um pecado incestuoso (amor proibido) entre os dois irmãos e expôs cruamente a Estácio, que ficou perturbado:

Ouve, continuou o padre sentado. A planta ruim bracejou um ramo para o coração virgem e casto de Helena, e o mesmo sentimento os ligou em seus fios invisíveis. Nem tu o vias, nem ela; mas eu vi, eu fui o triste espectador dessa

⁵ No século XIX, ainda era comum encaminhar cartas vinculadas a pedidos matrimoniais, declarações amorosas e confissões pessoais.

violenta e miserável situação. São irmãos e ama-se. A poesia trágica pode fazer do assunto uma ação teatral; mas o que a moral e a religião reprovam, não deve achar guarida na alma de um homem honesto e cristão. (ASSIS, 1995: 30)

A situação conflituosa ocorrida em *Helena* é característica do período romântico da literatura brasileira. No romantismo a escolha do cônjuge era vista como condição de felicidade, todavia, muitas vezes a cônjuge estava ligada a quadros de proibições da época. Assim, o amor apresenta-se entrelaçado ao sofrimento:

O amor parece ser uma epidemia. Uma vez contaminadas, as pessoas passam a suspirar e a sofrer ao desempenhar o papel de apaixonados. Tudo em silêncio, sem ação, senão as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer. Ama-se, então, um conjunto de idéias sobre o amor. (PRIORE, 2006: 234).

Estácio se martirizava pelos sentimentos que sentia pela irmã, bem como se devorava de ciúmes ao descobrir que Helena visitava um homem de meia-idade que morava numa casa pobre e velha das proximidades da chácara. Além da visita ao homem da casa velha, Helena escrevia e lia cartas que complementavam o ar misterioso e curioso da protagonista machadiana. Perplexo, Estácio reuniu a família e comunicou suas indagações em relação à Helena para a família. A família especulava e questionava entre si quais segredos a irmã de Estácio teria com aquele homem e por qual motivo encontrava com ele às escondidas. O segredo e a individualidade das mulheres demarcavam as novas formas de sociabilidade na sociedade do século XIX. O individualismo se tornava cada vez mais crescente, despertando os olhares alheios de uma sociedade sedenta de confissões pessoais e interessada em descobrir detalhes sobre a vida íntima de outrem.

Cercado de tantas dúvidas e incógnitas, Estácio e Melchior foram procurar o homem da casa velha, ou melhor, Salvador. O homem afirmou ser pai de Helena, contando-lhes uma longa história sobre sua vida conturbada e o distanciamento entre ele e a filha, explicando-lhes então o motivo do Conselheiro Vale reconhecer Helena como filha e integrá-la a sua família e herança. Apesar da revelação do não parentesco entre Helena e Estácio, o último poderia amá-la

livremente, entretanto, um escândalo segui-los-ia caso o sentimento entre ambos pairasse nos ouvidos da sociedade:

Agora, sim: roto o vínculo, restituída a verdade, ele conhecia que a voz da natureza, mais sincera e forte que as combinações sociais, os chamava um para o outro, e que a mulher destinada a amá-lo e ser amada era justamente a única que as leis sociais lhe vedavam possuir. (ASSIS, 1995: 30)

Aturdida pelos últimos acontecimentos de sua vida, Helena adoeceu gravemente. Após dias em estado desesperador, a protagonista falece. O desfecho da obra apresenta traços shakesperiano⁶ como o drama, a tragédia e por fim a morte.

Pensar as relações femininas no século XIX vai muito além de uma mera constatação. Permeada pela construção de modelos a serem seguidos no século XIX, elas ganharão então outras vozes e discursos a partir de seu próprio mundo. Encarada como a continuação da casa e dos filhos, troféu do marido será o anteparo entre o lar e a rua, entre o sacro e o lascivo, sendo exibida a exibe na sociedade enquanto procriadora e cabide. A própria idéia da feminilidade será estabelecida por esses discursos, e atestada pela própria sociedade que verá na mulher o equilíbrio de forças quase que perfeito para justificar o espírito repressor que opera nos discursos, como diz Michelle Perrot:

Ali ela será apenas uma figura. Mundana, exprime por sua aparência (o modo de se vestir, de se enfeitar) a fortuna do marido, de quem ela é uma espécie de cabide. A elegância da moda é dever seu. A própria beleza constitui um capital simbólico a ser barganhado no casamento ou no galanteio” (PERROT, 2003: 14 - 15).

A partir da obra machadiana percebemos então que a mulher enquanto filha, mãe, amante e tia terão lugares pré-estabelecidos e deveres a serem cumpridos. Uma transfiguração dessa realidade poderá ser expressa a partir do próprio pensamento do autor quando expõe a

⁶ Cf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: (xeiquispi) Adjetivo 1. Pertencente ou relativo a William Shakespeare (c. 1564-1616), dramaturgo e poeta inglês, ou próprio dele. Substantivo masculino 2. Grande admirador e/ou profundo conhecedor da obra de Shakespeare.

figura de Helena enquanto traços marcantes e bem definidos no decorrer da obra. Poderíamos até arriscar dizer que uma só Helena seria responsável pela existência de várias, ou seja, a complexidade da subjetividade da personagem enquanto ser, enquanto mulher. Entre essas perspectivas vemos a estranha, a sobrinha-irmã, e a heroína por assim dizer, onde no ápice da história ela abre caminhos pra uma nova compreensão do enredo e a volta ao ponto inicial.

Tendo como pontapé a essa existência da mulher nos deparamos então com uma situação, os lugares onde encontramos essas mulheres e a forma com elas se relacionam com o mundo. Diários, cartas, bilhetes e fotografias poderão nos trazer essas respostas, umas mais significativas... Já outras nem tanto. A própria Helena escrevia e transcendia a imagem até então singular das mulheres de toda uma época. O enredo da história nos trará imagens de um cotidiano comum pra uma moça rica, mas permeado de singularidades que construirão o romance.

Tomando nota dessas realidades percebemos alguns deveres femininos. O casamento enquanto obrigação seria a resposta dada pelas famílias à sociedade, bem como amostra real de que os conchavos e ligações familiares permaneceriam pelos anos, trazendo assim notoriedade e tradição as famílias tradicionais. A própria personagem do livro se vê diante de uma passagem destas quando é prometida em casamento, mesmo amando outro. Casar não é alternativa para as moças e sim obrigação que deve ser sumariamente cumprida e zelada. Moças boas casam, as que sobram viram mulheres velhas solteironas:

Permanecer solteira era considerado uma desgraça e aos trinta anos uma mulher que não fosse casada era chamada de velha solteirona. Depois que seus pais morriam, o que elas podiam fazer, para onde poderiam ir? Se tivessem um irmão, poderiam viver em sua casa, como hóspedes permanentes e indesejados. Algumas tinham que se manter e, então, as dificuldades apareciam. A única ocupação paga aberta a essas senhoras era a de governantas, em condições desprezadas e com salários miseráveis. (Smith, 1860: 74 -75)

Sendo assim pensamos Helena como uma figura que explicita bem os anseios de uma geração e ao mesmo tempo quebra-os quando se apresenta humana e apaixonada pelo suposto irmão. Racionalizar esses amores será então pensar os anseios e os segredos levados para fora dos salões e das mesas de jantar, é ultrapassar a barreira do secreto e adentrar na alma feminina. O amor é então uma transpiração, uma contínua busca de liberdade, uma representação do oculto,

mas, no entanto amordaçado espaço feminino que se guiará através de escolhas na maioria das vezes feitas por outrem. Esconder-se, privar-se, mas mesmo assim erguer seu espaço e conseguir afugentar-se em seu mundo. Mulheres, guerreiras e divas. Mitos ou não serão sempre mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalidade de retratarmos o gênero feminino, destacamos antes a vida do autor Machado de Assis, pois o último aborda em suas obras algumas características em seu contexto social. Além disso, a representação da história crítica e literatura serviram como ilustração do contexto histórico e as relações sociais da época retratada no livro, traçando uma análise histórico-literária como uma forma de problematizar os movimentos sociais e as relações de poder.

Machado de Assis apresenta o comportamento de Helena numa forma ambígua, pois o autor nos faz perceber que embora haja sutileza e às vezes ousadia no comportamento dessa figura feminina, ela consegue transitar em todos os espaços da sociedade, pois a personagem demonstra uma interdependência nas relações de poder. Além do mais, Helena quebra com o sentimento proposto para a vida feminina, pois embora esteja apaixonada por Estácio, a mesma colocará o patrimônio e a ascensão social em primeiro lugar, fazendo com que a figura dócil que está vinculada à prática de sentir se torne reflexiva perante as dificuldades da época.

Vale ressaltar que mesmo conseguindo essa mobilidade, a presença de Helena só é aceita pelo fato do conselheiro Vale ter deixado em seu testamento ordens precisas para o acomodamento financeiro e sentimental para Helena, ou seja, a presença feminina só é aceita para os moldes sociais porque faz parte das vontades senhorial; isso nos faz perceber que essa autonomia exercida pelo papel feminino só se faz presente porque o senhor teria concedido, pois a alteridade e sua autonomia, que era real, “não tinha lugar enquanto tal no imaginário senhorial” (CHALLOUB, 2003:61).

Desta forma, percebemos a importância da obra machadiana como esboço do sistema patriarcal e escravista que alicerçaram as relações sociais e forneceram as desigualdades na vida social no Brasil no século XIX, bem como compreendemos o valor da personagem ficcional Helena, como reflexo de imagem da mulher daquele tempo. Embora o escritor demonstre no

decorrer de sua obra literária as características, práticas e costumes das mulheres será a figura feminina que dará dramaticidade ao enredo e será Helena a responsável pelos questionamentos indagados no percorrer das entrelinhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. **Helena**. São Paulo: FTD, 1995.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DAVIS, Natalie Zemon (dir.) - **História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Ed. Afrontamento, 1994,
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Homens livres na ordem escravocrata. 3. ed. São Paulo: Kairós, 1974.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema: a formação do estado imperial**. 3 ed. Rio de Janeiro: Access, 1994.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.
- SMITH, Harold D.L. **The British women's suffrage Campaign 1866 – 1928**. Editora Longman. Londres, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Flamarion; Vainfas, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.